



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA**

INSTITUTO DE HUMANIDADES

CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

**O CONFLITO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA: A CONSTRUÇÃO DO MUNDO
MULTIPOLAR.**

ISMAEL DE SOUZA LEANDRO ¹

SEBASTIÃO ANDRÉ ALVES DE LIMA FILHO ²

RESUMO

Neste artigo será feita uma análise da guerra entre Rússia e Ucrânia, observado fatores históricos de formação da sociedade de ambas as nações, diagnosticando problemas sociais e étnicos que causam interferência política do governo russo em território ucraniano. Trazendo para a seara política, buscarei demonstrar como a política do atual presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, foi extremamente perigosa na busca de compartilhar discurso emancipador das imposições do governo de Putin. Nesta perspectiva, é importante ressaltar que a guerra dos dois países teve um impacto enorme na economia mundial, principalmente de desabastecimento de produtos agrícolas, energéticos, gás, petróleo, etc. Quem mais sofreu com os embargos foram os países que compõem o bloco da União Europeia, pois, estes dependiam da economia russa para abastecer seus mercados nacionais. Mesmo com todas as ameaças econômicas, a economia do governo de Putin sobreviveu, enquanto o sistema unipolar dos EUA caiu numa profunda crise econômica e de credibilidade. Impactou o imaginário da opinião pública mundial de uma nação que nunca sucumbiria a outro país. Órgãos de apoio econômico e social como FMI, Banco Mundial, ONU, perderam credibilidade nos últimos anos, pois todas organizações se submeteram às ordens do líder do governo Norte Americano. Demonstrando que acordos econômicos que antes eram feitos apenas com a chancela do governo estadunidense podem ser feitos em grupos multilaterais como, por exemplo, os BRICS. O principal ponto é fazer uma análise de textos acadêmicos e sites de notícias para chegar nas respostas almejadas para a pesquisa.

Palavras-chave: Guerra; Multipolar; Norte Americano; Rússia; Ucrânia.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura plena em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Bacharel em Ciência Humanas e Bolsista do programa residência pedagógica (UNILAB), Membro do Centro Acadêmico de Sociologia.

Contato: ismaelsouzaleando@gmail.com

² Professor Adjunto da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Membro da Academia de Ciências Sociais do Ceará, Cadeira 33. Coordenador do Projeto de Extensão Poder Global e Debates Contemporâneos. Pesquisador do Observatório das Nacionalidades. Contato: andrealvesdelima@unilab.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar como a guerra entre Rússia e Ucrânia impacta na vida dos civis nacionais de ambos os países, trazendo fatores históricos. Assim como, a mudança de paradigma das negociações econômicas do unipolar - tendo como imagem central os EUA, para multipolar e seus grupos de países, como no caso dos BRICS. É extremamente relevante frisar que essa guerra tem um simbolismo enorme na questão da soberania militar entre Rússia e USA. Não somente pelo território ucraniano, mas para demonstrar ao mundo quem possui maior soberania militar.

No caso da guerra entre Ucrânia e Rússia, não é um combate onde pode-se afirmar que exista um lado certo e outro errado. Como muitas vezes a imprensa ocidental patrocinada pela a narrativa Norte Americana propaga, como “a luta do bem contra o mal” do ex-presidente George W. Bush fazia uso de tais termos a fim de reconhecer como legítimas as invasões estadunidenses em 2001 ao Afeganistão e em 2003 ao Iraque. Compreender momentos difíceis geopolíticos em duas opções, “certo” ou “errado” é, certamente, uma maneira equivocada, inadequada e falha de observar uma guerra entre duas nações. Como pontua Mills (1982, p. 197), no livro a Imaginação Sociológica: “As proporções da influência de qualquer decisão explícita na própria história são, em si, um problema histórico dependem muito dos meios do poder existentes em qualquer momento numa determinada sociedade”. Nesse contexto, é crucial examinar em qual maneira os meios que possivelmente estimulam esse conflito estão operando. É importante investigar se os países ricos demonstram interesse nessa disputa e também identificar as partes que estão perdendo ou ganhando nesse cenário competitivo. Para tal análise, é fundamental adotar uma abordagem imparcial, sem paixões ou definições prévias.

Entender os motivos que cercam uma guerra é importante pelo contexto de não ficarmos presos em uma única narrativa. No caso do combate entre ucranianos e russos, segundo Neto (2022), envolve uma questão histórica de bastante proximidade entre as nações:

O contexto ucraniano, em específico, torna ainda mais propenso o surgimento de tais análises. Russos e ucranianos possuem estreitos laços identitários que remontam ao passado político, econômico, cultural, linguístico e religioso em comum. Na historiografia de ambos os países é atribuída à Rus Kievana, um Estado feudal do século IX, como a primeira unidade política que deu origem aos atuais Estados modernos. Nesse seguimento, a interpretação de que Putin questiona a própria existência do Estado ucraniano faz sentido dentro desse contexto e perspectiva analítica (NETO, 2022, p. 24).

Como citado acima, existe uma questão geopolítica por trás desse combate armado entre nações irmãs. Ao longo do século XX, quase metade dos anos desse período foi marcado pela Guerra Fria, que foi um duelo econômico e militar entre a União das Repúblicas Soviéticas e os EUA. Com a queda da União Soviética em 1991, vários territórios se tornaram democráticos e independentes nos seus posicionamentos geopolíticos. Alguns países do leste Europeu que faziam parte do bloco soviético, na atualidade aderiram à OTAN: (Organização do Tratado do Atlântico Norte), que é um organismo supranacional, que tem como objetivo garantir a segurança de seus países-membros por meio de ações específicas. A Rússia foi o país que manteve viva a herança do poder soviético e sempre demonstrou preocupação em relação à expansão da OTAN com grande influência dos EUA, a países que fazem fronteira com território russo. Porque tem no imaginário que os ocidentais poderiam encurralar a soberania da Rússia como nação, encurtando sua fronteira militar, econômica e, diminuindo assim, a importância da soberania russa no globo.

O aspecto mais significativo a ser observado é que a partir deste conflito armado, houve uma mudança significativa na ordem geopolítica. O mundo deixou de ser unipolar, onde os Estados Unidos detinham domínio econômico, político e tecnológico, e evoluiu para um cenário multipolar. Nesse novo contexto, grupos de nações que antes eram marginalizadas em negociações internacionais, como na ONU e no G7, passaram a formar alianças, exemplificadas pelo BRICS. Isso permitiu que esses grupos negociassem tecnologias e acordos sem a interferência dominante dos Estados Unidos. No livro *Universalismo Europeu* de Wallerstein (2007), ressalta esse descompasso do poder político unipolar:

Isso acontece principalmente quando falam das políticas relativas aos “outros” (países do mundo não-europeu, a população dos países mais e “menos” desenvolvidos). O tom costuma ser moralista, intimidador e arrogante, mas a política é sempre apresentada como se refletisse valores e verdades universais (WALLERSTEIN, 2007, p. 26).

A forma como a guerra da Ucrânia está sendo conduzida mostra a fragilidade dos EUA e da União Europeia perante o ataque militar russo, demonstra até mesmo despreparo do exército de guerra Norte Americano vendido ao mundo como o mais forte, quando o assunto é área militar. Como citado, “as verdades universais” da política global mudaram pelo fato de várias nações quererem ter protagonismo, ao invés de serem coadjuvantes dos EUA.

2. COMPREENDENDO FATORES HISTÓRICOS

Extremamente importante entender a organização da OTAN para compreender o perigo que o governo russo enxerga para uma possível perda de soberania. A OTAN foi criada em 1949, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o intuito de frear a expansão da União Soviética, assim como, acabar com tendências nacionalistas no continente Europeu. Com a queda do muro de Berlim, divisão dos países da antiga URSS, o foco da organização mudou para aumentar as fronteiras do bloco. Além da segurança nacional e política de seus membros, houve o incremento da expansão da entrada de várias nações que pertenciam no passado à URSS. Essa dinâmica impulsionou o crescimento do órgão ao longo dos últimos anos. Quando foi fundado em 1949, contava com apenas 12 países membros, atualmente, o grupo abrange 28 nações, incluindo países da América do Norte e da Europa, com os Estados Unidos entre eles. Segundo Aguilar; Aparecido (2022) o crescimento da OTAN, nos últimos anos, é notado em três vertentes:

[...]A mais importante: expansão da OTAN. Desde que a Guerra- Fria acabou, com a administração de Clinton, é possível perceber uma movimentação ocidental em direção à fronteira russa. A segunda é a expansão da União Europeia, uma instituição econômica, em conjunto com a OTAN, uma instituição militar, que trata de integrar a Ucrânia economicamente ao ocidente. Por fim, a promoção da democracia (AGUILAR; APARECIDO, 2022, p. 4).

Nos últimos anos, países da antiga cortina de ferro da União Soviética estão se incorporando à organização. Todas as nações seguem fielmente estes três pilares, principalmente o democrático, haja visto, os EUA - principal membro da organização, vende aos quatros cantos do globo como a maior nação democrática.

Em uma nação de democracia frágil, como é o caso da Ucrânia, com séria interferência russa na gestão da nação de 1992 até 2014, mesmo com presidentes eleitos pelo voto popular, a deposição em 2014 do ex-presidente Víktor Yanuhóyytch, fechou o ciclo de manipulação do governo russo no território da nação irmã. Abrindo caminho para um *outsider* chegar ao poder, como foi o caso, em 2019, de Volodymyr Zelensky à presidência do governo ucraniano, este que é um político ligado ao espectro político da extrema direita. Quando assumiu a liderança do poder ucraniano, iniciou a defesa que a Ucrânia deveria entrar no grupo de países membros da OTAN, algo muito mal pensado na estratégia geopolítica para nação. Pois, percebe-se que desde a chegada de Vladimir Putin à presidência russa, o discurso de aproximação de países que fazem fronteira ao

território russo era visto com enorme ameaça pelo Kremlir. Segundo Mills (1982), somos livres para construir a história, mas existe líderes com ampla liberdade:

[...] “os homens são livres para fazer a história, mas alguns são muito mais livres do que outros. Essa liberdade exige o acesso aos meios de decisão e de poder pelos quais a história pode ser feita hoje. Isso se retrata aos poderes de influência que cada estado tem no jogo geopolítico” [...] (MILLS, 1982, p. 186).

Existe por parte do governo ucraniano a liberdade de buscar aproximação do ocidente entrando na OTAN, mas existe uma barreira simbólica que impede essa aproximação. Mesmo na atualidade, todo líder de estado sendo livre para traçar o melhor caminho dentro do jogo geopolítico, podendo a qualquer momento sofrer retaliações de nações com maior força militar e econômica, mudando o cenário almejado por líderes locais, haja vista, revoltas armadas dessa magnitude e revoluções coloridas estão espalhadas no globo. Pois países como EUA e Rússia tem tradição de interferir em nações de menor poder de retaguarda militar. Nos últimos anos têm-se a compreensão de que uma nação para ter soberania não basta ter um presidente estadista e boas vantagens econômicas, mas sim o respeito militar com exército bem treinado, boas armas, ogivas nucleares. Mostrando que a liberdade está ligada às vantagens militares, não apenas discursos bem redigidos.

Nesse conflito, há uma conexão emocional profunda entre as populações de ambas as nações, devido aos laços culturais e familiares estreitos. Ao longo de muitos anos, os governos russos exploraram essa proximidade cultural entre a Ucrânia e a Rússia, especialmente nas regiões ucranianas onde o idioma russo é predominante e existem comunidades com raízes russas. Durante um longo período, houve influência política russa nas decisões do governo ucraniano, com base na ideia de pertencimento de território ucraniano à população russa. De acordo Aguilár; Aparecido (2022) pode ser compreendido que durante a formação dos povos existiu um alto grau de preconceito entre russos e ucranianos:

GRANDE RUSSIA: Sabes com quem falas ou esqueceste? Eu sou a Rússia, afinal: Por que me ignoras?...

PEQUENA RÚSSIA: Eu sei quem és; esse também é o meu nome. Por que me intimidas? Eu mesmo estou tentando colocar uma cara corajosa. Eu não me submeti a vós, mas ao seu soberano, sob cujos auspícios nascestes de seus ancestrais. Não pense que você mesmo é meu mestre, mas o seu soberano e o meu, é nosso governante comum. E a diferença entre nós, são nossos nomes próprios: você é grande, eu sou pequeno; vivemos em terras vizinhas (AGUILAR. APARECIDO, 2022, P.2).

Essas são questões que provocam um debate permanente, principalmente entre defensores nacionalistas de ambos os lados. Existe uma briga étnica com enfoque muito grande na conjuntura da formação de ambos os povos, mostrando a total complexidade no entendimento das causas do combate armado que estamos vivenciando nos últimos meses.

A existência deste imbróglio entre as duas nações do leste Europeu e a OTAN, órgão que faz parte da linha de ferro do ocidente, eleva esse clima de extremismo, porque a guerra da Ucrânia não foi o primeiro fato de reivindicação de algumas partes do território ucraniano, feito por Vladimir Putin mandatário russo. A tomada da Crimeia em 2014, a anexação deste território à Rússia foi uma espécie de aviso prévio ou (cartão amarelo) do que estava por vir, se o governo ucraniano não se inclinasse às exigências do mandatário russo. A Crimeia, que assim como o território da Ucrânia, fez parte do império russo, ambos pertencentes à antiga União Soviética. É uma região com forte cultura e hábitos populacionais russos. Isso também foi a principal alegação da Rússia à anexação do território da Ucrânia, principalmente, em Kherson, Zaporizhzhia, Donetsk e Luhansk segundo Diniz (2022) no atual combate:

Entretanto, no decorrer da invasão, as forças russas atuaram não apenas em Donetsk e Luhansk, mas também, desde o início da Campanha de 2022, nas *oblasti* de Zaporizhzhia e de Kherson (a primeira cidade de maior porte tomada pelas forças russas na atual campanha), assenhoreando-se das suas áreas litorâneas; mas, até o momento, embora tenham bombardeado regularmente posições nas *oblasti* de Odessa e de Mykolayiv (contígua à *oblast* de Kherson), não houve esforço terrestre consistente, sustentado, em sua direção (DINIZ, 2022, p.41).

Fica nítido que a questão cultural e econômica tem bastante influência neste conflito interno no território ucraniano, entre separatistas pró-Rússia e defensores do governo da Ucrânia. É um confronto que não pode ser tratado de uma maneira tão simplória como os governos ocidentais, juntamente com os veículos de comunicação de massa, repassam. Considerando que não se trata de uma luta entre o bem e o mal, mas sim de uma estratégia que visa, por um lado, a defesa de seus territórios e, por outro, a manutenção dos exércitos inimigos afastados de suas fronteiras. No entanto, ambas as nações possuem interesses econômicos significativos nessas regiões.

Defender a soberania nacional de ameaças inimigas deve ser prioritário para qualquer nação. Mas no caso ucraniano, o governo chefiado por Zelensky deveria ter analisado melhor o cenário geopolítico porque a entrada da Ucrânia aos países membros

da OTAN jamais seria aceito de bom tom pelo governo russo. Cabia ao chefe do poder ucraniano medir a temperatura diplomática da sua possível escolha, ao invés de agir por impulso. Mas como é característico dos políticos pertencentes à extrema direita mundial, são figuras muito irresponsáveis, dúbias, cínicas, onde sempre tentam colar caricatas formas de governar para resolver enormes problemas nas nações que governam.

3. AS ORIGENS DO CONFLITO

Com o fim das ex-URSS no fim dos anos 1991, os países membros deste bloco ficaram livres para se tornarem independentes, soberanos e etc. Alguns conseguiram se desvincular do laço soviético, outros permaneceram sob influência russa, como no caso da Ucrânia. Levando em consideração que existe muita identificação étnica entre a sociedade ucraniana e russa, de acordo Mielniczuk (2006), algumas regiões em territórios ucranianos são formadas em sua grande maioria por pessoas nascidas na Rússia:

[...]Dos 50 milhões de habitantes do país, 25 milhões falam russo como primeiro idioma e mais de 10 milhões são originários da Rússia. Essa “grande” minoria russa se concentra nas regiões leste e sul da Ucrânia, exatamente na parte que faz fronteira com a Rússia. Na Península da Criméia, por exemplo, 70% da população é de origem russa[...] (MIELNICZUK, 2006, p. 248).

Durante anos, a Rússia usou do artifício étnico para seus interesses políticos e econômicos. Pois, sempre existiu no imaginário russo que a Ucrânia é uma nação abaixo dos mesmos por sua formação social. A nomeação do país Ucrânia vem do russo “*okraina*”, segundo Aguillar; Aparecido (2022, p.2), “significa periferia, conforme fontes escritas do século XII”. Existindo assim um compartilhamento pelo lado russo de xenofobia contra seu vizinho.

A Ucrânia ficou muito tempo presa à sua origem soviética não somente por sua população, mas também pela política. Pois durante anos a Rússia usa da sua força de negociação para interferir na passagem de dutos de petróleo e gás para a Europa ocidental, assim como, da costa ucraniana marítima para exportação de produtos. Outro fato é a questão da não proliferação de bomba atômica em território ucraniano, conforme Januário (2022) fazendo com que todo o aparato fosse transferido para a Rússia através de acordo bilateral entre as nações em 1994:

Um aspecto relevante nesse sentido diz respeito ao fato de que a Ucrânia possuía armas nucleares soviéticas em seu território quando se tornou independente em 1991 e abriu mão desse arsenal em 1994, em troca de garantias de segurança em termos de sua soberania e integridade territorial (JANUÁRIO, 2022, p. 44).

Existe dentro do imaginário ucraniano, principalmente do presidente Zelensky, em ultrapassar a linha de negociação entre acordos bilaterais com a Rússia, na perspectiva de abrir o país a acordos multilaterais com países ocidentais. Segundo Aguillar; Aparecido (2022) um desse acordo é entrar na OTAN, algo repudiado pela a Rússia.

De vocação imperial, ele vê a Ucrânia como parte de si mesmo e tem dificuldade em aceitar sua existência soberana. Ainda mais porque essa busca para estar mais próximo do Ocidente dificulta os planos da Rússia de maior influência regional. A manutenção dessa influência, por sua vez, prejudica a participação da Ucrânia nos assuntos europeus e globais (AGUILAR; APARECIDO, 2022, p. 2).

As bases do atual conflito surgem dessa dualidade entre as nações, porque existe do lado russo a vontade de seguir moldando a geopolítica de seu vizinho. No lado da Ucrânia têm a vontade de libertar-se do “guarda-chuva” de interferência russa. No centro do debate está a população de ambos os países, com ênfase maior para a população ucraniana que vêm sofrendo com enorme intensidade.

No contexto dos conflitos armados, é crucial reconhecer a importância de empregar uma variedade de ferramentas em um ambiente hostil de guerra. Isso inclui não apenas o domínio da narrativa, mas também a utilização de elementos de vanguardas sociais, bem como a construção de mitos, com o propósito de promover a propaganda militar que retrata vencedores e derrotados. Com isso, ambas as nações repassam conteúdo à opinião pública global de acordo com seus interesses. O lado da Rússia afirma desejar resguardar sua soberania perante a região, no outro extremo, a Ucrânia ressalta que a soberania russa freia seu crescimento como nação. São conflitos de narrativas muito comuns em guerras, principalmente neste combate que segundo Diniz (2022) está impactando a política socioeconômica do globo:

Especificamente, observa-se uma reprodução acrítica, até mesmo da parte de fontes jornalísticas e de organismos de inteligência, de informações que parecem muito mais consistentes com esforços de propaganda do que com a busca sistemática de compreensão dos acontecimentos em curso (DINIZ, 2022, p. 48).

A liderança do atual presidente ucraniano tenta repassar para boa parte da sociedade que governa, assim como, aos países que compõem seu bloco de apoio, o pensamento que os russos são pessoas que não se deve confiar. Ou seja, existe um processo de imposição de ruptura dos laços étnicos da sociedade de ambos os países. Nos discursos do presidente Zelensky e em pesquisas realizadas neste período em meio ao conflito, percebe-se um grande extrato da sociedade da Ucrânia que apoia a não utilização

da língua russa como oficial. Segundo Walker (apud Junior 2022, p.33), “A recusa da língua russa se tornou um dos *fronts* da batalha identitária. Também vem caindo o número de indivíduos que acompanham séries e grupos musicais russos”, ambos se tratam de efeitos colaterais da agressão de Putin ao país.

Está ocorrendo um processo doloroso, especialmente em uma nação como a Ucrânia, que está dividida entre regiões com uma significativa população de origem russa, onde muitas pessoas falam russo ou têm raízes culturais russas. A questão da identidade não é algo tão fácil de ser assimilado pela população, por ser um processo que requer vários anos de desconstrução progressiva. Pois, existe o uso da língua russa como forma de comunicação oficial do governo ucraniano durante anos, sendo reproduzido em escolas. Não é um processo de mudança repentina, mas que levará tempo para a população deixar de falar russo, seguindo outro tipo de comunicação, se espelhando na cultura da Europa Ocidental.

O entendimento de que a liderança ucraniana nesse conflito deve ter, é que mesmo que a guerra venha ter fim emergente, ele irá governar um país dividido, destruído em suas estruturas, tanto política, como social. Pois, o combate deixará traumas que terão repercussão étnico-social durante anos. Pelo seguinte entendimento; existe um grande número de cidadãos ucranianos refugiados que talvez não voltem para seu país natal, e quem continua residindo convivendo com o conflito, uma parte está com fúria da nação russa, outra parcela apoia e quer anexação de seus territórios ucraniano à Rússia. Exigindo neste momento uma liderança no poder que tenha uma boa diplomacia e respeito social, principalmente, numa sociedade fragmentada como a ucraniana. Falas extremistas causam ainda mais convulsões sociais. De acordo Lebelem; Villa (2022), o fato da divisão social não é algo novo no cenário do país, mas que vem acontecendo durante alguns anos:

Para os ucranianos, a situação conflitiva no país vem de muitos anos. Não é novidade que os separatistas têm encontrado no governo russo uma força de apoio, tanto que Vladimir Putin já vinha ensaiando um movimento aberto de apoio político e militar à independência de cidades de maioria de etnia russa, como Luhansk e Donetsk, na região Leste da Ucrânia. E, naturalmente, esses movimentos separatistas se intensificaram ao longo dos anos e ficaram ainda robustos com o apoio russo (LEBELEM; VILLA, 2022, p.115).

O movimento de divisão na sociedade ucraniana não vai cessar com o fim da guerra bilateral das nações, pois reconstruir a confiança social pelo o lado ucraniano vai ser um trabalho que demandará anos, diplomacia, comunicação, para que a população

separatista ucraniana volte a aceitar ter senso de pertencimento daquele território nacional novamente.

A Ucrânia, mesmo após se tornar independente e democrática continuou sofrendo influência do governo russo: como no caso das ogivas nucleares transferidas para território russo, passagem em território ucraniano do gás advindo da Rússia, assim como, eleições de governos na Ucrânia pró-Rússia. Então, é uma relação de bastante tensionamento ao longo dos anos. Durante a Revolução Colorida de 2014, o presidente deposto Viktor Yanukovich foi acusado de ter ligações com interesses do governo russo e acabou saindo do poder. Isso levou à realização de novas eleições na Ucrânia, deixando claro para Putin, que países do eixo ocidental estavam interferindo na soberania do seu vizinho. Segundo Aguilar; Aparecido (2022), o governante russo, usou como prerrogativa o artigo 17 do Conceito de Segurança Nacional da Federação Russa, afirmando que:

A postura do Ocidente voltada para combater os processos de integração e criar lugares de tensão na região da Eurásia está exercendo uma influência negativa na realização dos interesses nacionais russos. O apoio dos Estados Unidos e da União Europeia ao golpe de Estado anticonstitucional na Ucrânia levou a uma profunda divisão na sociedade ucraniana e ao surgimento de um conflito armado. O fortalecimento da ideologia nacionalista de extrema direita, a formação deliberada na população ucraniana de uma imagem da Rússia como inimiga, a aposta indisfarçável na resolução forçada das contradições intraestatais e a profunda crise socioeconômica estão transformando a Ucrânia em uma sede crônica de instabilidade na Europa e nas imediações das fronteiras da Rússia (AGUILAR. APARECIDO, 2022, p. 5).

Putin, em seus discursos sobre a guerra em que sua nação está envolvida, justifica a invasão à Ucrânia como uma forma de proteção da população russa que reside em território ucraniano. Ele alega que essa ação visa principalmente livrar seu povo dos inimigos ocidentais, que utilizam a extrema direita ucraniana representada pelo presidente Zelensky na tentativa de estabelecer a presença da OTAN e do governo dos Estados Unidos na fronteira com a Rússia, além de buscar o que ele chama de "desnazificação" da sociedade ucraniana. O plano do governo russo é de total repulsa a tudo que venha do interesse político ocidental com seu vizinho. E se auto coloca-se como a única força capaz de proteção da Ucrânia das influências dos EUA.

4. A INVASÃO

No dia 24 de fevereiro de 2022 o mundo ficou perplexo com a invasão russa ao território da Ucrânia. Era noticiado que várias frentes do exército de Putin invadiam território ucraniano, principalmente em regiões separatistas pró-Rússia. Diversos líderes

ocidentais e até mesmo orientais rejeitaram a invasão russa. Caso mais emblemático foi Joe Biden, presidente dos EUA, que mesmo antes da invasão russa acontecer, alguns dias antes já era noticiado em suas falas sobre a invasão em veículos de imprensa:

O presidente dos Estados Unidos Joe Biden, previu nesta quarta-feira (19) que a Rússia “vai atacar” a Ucrânia, citando preocupações existenciais do presidente do país Vladimir Putin, mesmo alertando sobre consequências econômicas significativas caso isso ocorra (LIPTAK, CNNBRASIL, 2022).

A invasão do exército de Putin à nação irmã Ucrânia não foi uma ação repentina, mas sim um evento amplamente planejado e antecipado. Cabia às lideranças globais como EUA e União Europeia tentar contornar esse embate entre as duas nações do leste Europeu. Em muitas ocasiões na geopolítica global falta diplomacia e sobra vaidades. Nesse contexto, algumas lideranças falharam ao não priorizarem o bem-estar de suas sociedades nacionais, em vez de buscarem reforçar seus egos pessoais em escala global. No caso Zelensky faltou diplomacia, porque embarcar nessa ideia ocidental de tornar a Ucrânia membro da OTAN iria fazer muitos civis morrerem, como foi constatado no início do combate com a invasão russa. Antes da invasão, Putin estava solicitando a neutralidade do governo ucraniano em relação à OTAN. Algo que Zelensky achou melhor ignorar, seguindo com o sonho americano de tornar a Ucrânia membro da OTAN.

Lógico, quando é analisado um conflito geopolítico desta magnitude não se deve afirmar que só um lado é culpado e outro correto. Putin tem seus erros de invadir um país democrático e soberano, que tem autonomia de tomar qualquer decisão de colocar-se no espaço onde sua liderança política queira estar na geopolítica global. Além de que, a invasão russa ao território ucraniano não é conflito de exércitos de ambas nações preparadas para guerra. Trata-se de um conflito em que o exército russo possui um grande contingente de tropas militares, armas de combate modernas e treinamento sólido, em contraste com o exército ucraniano, que possui um contingente menor de tropas, recursos limitados em termos de armamento e um treinamento menos abrangente. Portanto, é uma disputa bastante desigual em termos de recursos e capacidades militares. Mas que naquele momento da invasão, Putin só queria demonstrar sua força a Zelensky, e dar uma espécie de cartão vermelho ao líder ucraniano por não ter seguido sua recomendação de neutralidade.

Observando com atenção, essa invasão realizada pelo exército russo no território ucraniano exigiu vários meses de preparação minuciosa. Isso inclui a compreensão

detalhada da logística para avanços das tropas, identificação dos riscos envolvidos e a criação de instalações de apoio de saúde para as tropas, entre outros aspectos. Não se trata de um movimento caótico e desorganizado, mas sim de uma operação altamente planejada, estudada e que envolve treinamento militar extensivo antes da invasão.

Compreendendo o cenário após a invasão do território ucraniano percebe-se que foi um erro enorme do presidente da Ucrânia não optar pelo caminho mais fácil, que era a diplomacia, com o líder russo. Segundo afirma Aron (2002), em uma guerra ambos os lados estão lutando:

As guerras entre países civilizados não são necessariamente menos cruéis do que as guerras entre povos selvagens. A causa profunda da guerra é a intenção hostil, não o sentimento de hostilidade. A maior parte das vezes, quando há intenção hostil dos dois lados, as paixões e o ódio não tardam a animar os combatentes; contudo, em teoria pode-se conceber uma grande guerra sem ódio (ARON, 2002, p. 67).

Não existe lado bom e mau numa guerra, todos os combatentes estão ali preparados para matar ou morrer. Faltou entendimento dos líderes políticos em saber que o risco de deixar uma guerra bélica dar início é enorme, porque sabe como começa e não como termina. Neste caso, por ter informações antecipadas pela CIA que a invasão à Ucrânia estava próspera, caberia a Biden tentar contornar a crise entre ambos os países e não incentivar o governo ucraniano a pedir para se tornar membro da OTAN. Biden e os países da União Europeia estavam cientes dos riscos associados à intenção do governo de Zelensky, que não se limitou apenas à invasão do território ucraniano. Isso resultou em sérios problemas para a economia global, incluindo a crise de desabastecimento energético na Europa, escassez de insumos agrícolas e *commodities*. Além disso, a Ucrânia desempenha um papel fundamental nas rotas marítimas que conectam o continente Europeu e Asiático, o que também foi impactado por esses eventos.

Mas, voltando para invasão ao território, de acordo Neto (2022), foi um erro de cálculo das nações ocidentais não analisarem até mesmo a história russa, para entender que uma invasão a Ucrânia estava próxima se nenhuma posição fosse tomada para contornar a crise diplomática:

A princípio, o Kremlin buscava impor como condições para o fim das hostilidades uma série de reivindicações: 1) neutralidade ucraniana, com garantias de que nunca se tornará país-membro da OTAN; 2) desmilitarização do país; 3) reconhecimento da independência das repúblicas de Donetsk e Lugansk; 4) reconhecimento do status da Crimeia como parte da Federação Russa; 5) e, por fim, proteção à língua russa na Ucrânia (NETO, 2022, p. 23).

Existe um arcabouço cultural por trás de cada nação soberana. Assim como os líderes dos EUA propagaram aos quatro cantos do globo, que são a maior nação democrática, os russos tem no seu fator cultural “não levar desaforo para casa” e não ficam quietos diante de provocações feitas por possíveis inimigos de sua soberania. É essencial considerar a complexidade e as nuances de eventos geopolíticos para uma compreensão mais completa.

Entender a magnitude de uma guerra como a que está em curso na atualidade, requer muito entendimento das implicações do futuro para compreender o que pode vir a acontecer. Ter o domínio da informação é extremamente importante, principalmente, em um mundo global conectado, como atualmente. Com o avanço das formas de comunicação, seja pelas redes sociais ou pela mídia tradicional, incluindo agências de notícias internacionais, tornou-se ainda mais desafiador distinguir notícias verdadeiras de informações falsas sobre a guerra. Segundo Neto (2022, p.29) “Em primeiro lugar, pode-se alegar que a guerra na Ucrânia é a primeira na história acompanhada minuto a minuto por todos”. A internet ampliou significativamente a complexidade de se determinar quem está certo ou errado no contexto do conflito armado, dificultando o controle da narrativa.

Neste caso específico da guerra na Ucrânia, durante vários dias, a tendência da imprensa internacional pró-Occidente era afirmar que a Rússia estava perdendo o controle do conflito e que a invasão do território ucraniano era sem sentido. Conforme Diniz (2022, p. 35) “Por exemplo, até o final de maio, os *briefings* do MoD divulgavam regularmente estimativas de perdas de equipamento e baixas das forças russas na Ucrânia, mas não da Ucrânia”. No entanto, ao analisar o cenário de combate de forma imparcial, sem paixões, percebe-se uma diferença entre a narrativa da imprensa ocidental e as reais razões do conflito. O temor de Putin de ter a OTAN em sua fronteira é um fator importante, já que isso poderia acarretar problemas econômicos e sociais significativos para a Rússia.

Pela proximidade étnica, todo o contexto do combate armado torna-se mais doloroso para a população local. Na seara política, se analisar também a importância que a Ucrânia tem para a Rússia, haja vista, a linha de gasoduto russo passa em território ucraniano até chegar na Europa ocidental. Qualquer negociação entre ambas nações é recomendada com bastante cautela, por sua complexa situação. Algo que somente pode ser intervindo por órgãos ou nações independentes. No passado, quem assumia este lugar

nas mesas de negociações pela paz era a ONU, mas devido a perda de força que os EUA impuseram, onde invadiam nações soberanas na Ásia, Oriente Médio, rompendo o acordo do conselho de segurança da ONU. Fez com que no presente, nenhuma organização ou nações seja o poder moderador na mesa de negociações, para solucionar conflitos armados e trazer a paz entre os povos. Até porque o Kremlir vê muita influência de países que compõem a OTAN na ONU. Segundo Patriota (2022), no expoente estão os países europeus ocidentais e os EUA que diagnosticam a falta de capacidade de ação do conselho de segurança da ONU:

O sistema multilateral é democrático? Esta questão voltou a adquirir atualidade em face da invasão da Ucrânia. O veto russo no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) impediu que o órgão responsável pela manutenção da paz e segurança internacionais se posicionasse, ilustrando sua dificuldade em lidar com situações em que um dos cinco membros permanentes viola o direito internacional (PATRIOTA, 2022 p. 15).

Pois, como mencionado acima, sem o consentimento de todos os membros do conselho de segurança nada pode ser feito, ou mesmo quer algum líder mundial queira fazer algo, existe muito *lobbies* político dentro do poder institucional da organização. Atualmente, a ONU é frequentemente vista como uma instituição com pouca influência e peso, o que a coloca em descrédito em algumas situações.

Neste caso, a ONU teve seu poder enfraquecido na mesa de negociação, pois países da União Europeia enfraquecidos, e os EUA carregam uma grande desconfiança do governo russo desde do período da guerra fria até a atualidade. Segundo Patriota (2022, p.24) “Se os mais poderosos violam as regras que eles próprios criaram, acabam por ameaçar a ordem da qual são supostos garantes”. Ou seja, não existiu nenhuma organização ou nação que possa na atualidade moderar a crise diplomática entre Rússia e Ucrânia, para buscar intermediar a moderação do governo russo. Mesmo tendo países como o Brasil e a Índia tentando negociar acordo de paz por alguns meses, não conseguem êxito por não terem força no cenário internacional.

O governo de Putin mostra uma total desconfiança, principalmente dos EUA, pelo fato dos mesmos não cumprirem acordos diplomáticos, como no caso das invasões ao Afeganistão e ao Iraque. Onde foi violada a prerrogativa do Conselho de Segurança da ONU pela não invasão destes dois países. Essa desconfiança de Putin tornou qualquer tentativa de acordo prévio antes da invasão à Ucrânia impossível, pois Emanuel Macron, presidente francês, do bloco da União Europeia tentou negociar pela paz entre as nações,

algo que foi totalmente rechaçado alguns dias depois, com o anúncio do início do combate armado. Digolin (2022) ressalta, que mesmo após a invasão de Putin à Ucrânia a ONU fez reuniões com todos os membros rechaçando a atividade militar russa:

Uma nova resolução foi adotada pela AGNU no dia 24 de março, culpando a Rússia pela crise humanitária em curso. O documento foi elaborado pela Ucrânia e seus aliados e recebeu 140 votos a favor, 5 votos contra e 38 abstenções. Duas semanas depois, a partir de uma proposta estadunidense votada durante reunião da AGNU no dia 7 de abril, a Rússia foi expulsa do Conselho de Direitos Humanos da ONU³ com 93 votos a favor, 24 contra e 58 abstenções. O único antecedente de um país expulso de algum Conselho da ONU ocorreu em 2011, envolvendo a Líbia (DIGOLIN, 2022, p. 48).

Pode-se observar que mesmo com o repúdio de grande parcela de países da comunidade internacional, não houve enorme mudança na geopolítica de influência da política do governo de Putin, pelo seguinte fato, todos dependem da Rússia para acordos econômicos, outras nações de parcerias militares. Para a comunidade internacional é vendido através das mídias as votações das ONU como repulsa dos países membros à invasão, mas na política de negociações, quase todos os países até as nações que se manifestaram desfavorável ao governo russo na votação da ONU continuam fazendo acordos com o Kremlir.

Desde o dia 24 de fevereiro de 2022, o mundo tem acompanhado os acontecimentos da guerra entre duas nações, o que se tornou um cenário notoriamente complexo, repleto de desafios evidentes. Isso ocorre devido aos discursos cuidadosamente elaborados por ambas as partes, destinados a moldar a narrativa, podendo conter tanto elementos verídicos quanto inverídicos. A interpretação dos eventos e a aceitação de informações específicas estão sujeitas ao interesse do momento. Portanto, não podemos considerar como verdade absoluta tudo o que é divulgado pela imprensa, agências de notícias ou meios de comunicação estatais. É necessário exercer moderação e lembrar das lições do passado, quando governos usaram máquinas de propaganda para distorcer narrativas em tempos de guerra.

5. A INFLUÊNCIA DA GUERRA NAS MUDANÇAS GEOPOLÍTICAS GLOBAIS

A guerra na Ucrânia evidenciou o declínio gradual de um sistema de domínio unipolar liderado pelos Estados Unidos. Desde o término da Guerra Fria, esse ciclo econômico de hegemonia vinha se mantendo por meio de imposições sobre as nações. De

acordo com Arrangi (1996), por um longo período teve uma enorme pulverização de empresas multinacionais estadunidenses no globo:

Esse crescimento não se limitou ao mercado interno norte-americano. “As empresas norte-americanas começaram a se mudar para países estrangeiros, quase imediatamente após concluírem sua integração continental. (...) Ao se tornarem firmas nacionais, as empresas norte-americanas aprenderam a se internacionalizar” (HYMER, 1972 APUD ARRANGI, 1996, p. 249).

Empresas multinacionais americanas que durante anos estavam espalhadas em todos os territórios globais iniciaram uma perda de terreno, principalmente em países que o governo Norte Americano de forma unilateral ofereceu embargos econômicos, como no caso da Rússia, onde todas empresas do ocidente fecharam em território russo. Existia nesta manobra a vontade de pressionar o mercado econômico russo a se esfacelar, pois era o único meio de pressão que os países da OTAN, onde EUA e União Europeia são signatários, de tentar encurralar o Kremlir. Algo que se mostrou ineficiente, pelo fato de mesmo sem empresas multinacionais, o governo russo conseguiu contornar a crise financeira.

Demonstrando a fragilidade do sistema unipolar dos EUA, onde o poder de interferência econômica estadunidense não conseguiu alcançar em países como Rússia e China. Ambas nações não dependem do dólar, nem de empréstimos do FMI, Banco Mundial para sobreviverem. Na esteira do combate armado possuem exércitos preparados para guerras, o maior instrumento simbólico quando não é utilizado, mais devastador que é a bomba atômica, onde mostrar ser o principal poder de represália que uma nação deve ter em seu arsenal para quem tente ameaçar sua soberania.

A perda de influência das empresas Norte Americanas é de extrema importância, uma vez que, ao longo de anos, houve um domínio tecnológico por parte do governo dos Estados Unidos. Essa tecnologia se disseminou em todos os aspectos da vida social e, em contextos de guerra, permitiu que o exército dos EUA fosse reconhecido como o mais avançado tecnologicamente. Portanto, seguindo essa estratégia de sucesso do passado, a ajuda militar de Biden à Ucrânia é vista como um meio de enfraquecer o exército de Putin. Aron (2002) vai falar sobre a ideia de devastar o inimigo:

O objetivo das operações militares, de um modo abstrato, é desarmar o adversário. Ora, como "queremos obrigar o adversário, por um ato de guerra, a cumprir a nossa vontade, é preciso ou desarmá-lo realmente ou então pô-lo numa situação em que ele se sinta ameaçado por esta probabilidade". Mas o adversário não é uma "massa morta". A guerra é

o choque entre duas forças vivas. "Enquanto não derroto o adversário, temo que ele me abata. Deixo de ser dono de mim mesmo, porque ele me impõe a sua lei, como eu lhe imponho a minha". (ARON, 2002 p. 70)

Nessa perspectiva de desarmar o adversário, muitos sites e TVs de todo o globo pró-ocidente, falavam que Biden estava dando uma boa resposta à ameaça russa à Ucrânia, ao disponibilizar equipamentos militares ao governo ucraniano. A CNN Brasil divulgou reportagem com ex-diretor da CIA sobre este:

“Em todas as áreas de avaliação, os russos - a começar pela sua análise de informações, pelo conhecimento do campo de batalha e do adversário, bem como todos os aspetos da campanha e as operações de pequenas unidades – provaram ser lastimavelmente incompetentes” (PETRAEUS, CNN Brasil, 2022).

Em uma guerra, como já mencionado, ter o domínio da narrativa é muito importante. Mas, quando observado minuciosamente, o poder do exército russo observa que essa fala do general aposentado David Petraeus, ex-diretor da CIA, estava errada, principalmente, porque os EUA/OTAN fizeram várias ajudas financeiras e de equipamentos para a Ucrânia nos últimos meses. Essa ideia compartilhada de um exército russo fraco só existe na cabeça da imprensa ocidental. Pois nenhuma nação consegue sobreviver a vários meses de guerra, sem uma boa tecnologia de transporte, munições, porta-aviões, entre outros recursos.

A guerra de discursos conforme Diniz (2022, p. 33) “[...] frequentemente inclui, digamos, uma gestão cautelosa das informações divulgadas e ocultadas, com maior ou menor preocupação com a precisão daquelas divulgadas”. Algo primordial no teatro de guerra, vêm mostrando uma dificuldade dos EUA em ligar o discurso com a prática. Pois, foi sempre mencionado que as ajudas de armamentos militares estariam freando a ofensiva russa, mas até o momento nada dessa narrativa foi comprovada. Existe uma dificuldade de aceitar o discurso de Biden como verdadeiro por líderes internacionais, haja vista, tem uma concepção bastante dúbia, pelos acontecimentos das guerras do início do século XXI, as chamadas Guerra ao Terror, capitaneadas pelo ex-presidente George W. Bush quando estava à frente da Casa Branca.

Comparando a Guerra na Ucrânia com os episódios de invasão no Afeganistão, no Iraque e o patrocínio das Primaveras Árabes, fica evidente que, neste conflito, os Estados Unidos perderam força, pois enfrentam um inimigo forte do outro lado do *front*. Isso contrasta com as situações mencionadas anteriormente, onde os adversários não possuíam

exércitos bem equipados para o combate. Como é reiterado por Espíndola; Gomes; Reis; (2014), sobre o combate dos EUA no território do Oriente Médio:

(...) Frente a tal conjuntura, a resposta do governo norte-americano, então capitaneado pelo republicano George W. Bush (2001-2008), pautou-se pelo que se convencionou chamar Doutrina Bush, a qual, em linhas bastante gerais, propugnava uma postura externa ofensiva, recorrendo ao uso da força de forma preventiva para neutralizar quaisquer ameaças, presentes ou futuras. Nesse sentido, as principais traduções político-militares daquilo que viria a ser conhecido como Guerra ao Terror foram as intervenções no Afeganistão em outubro de 2001, cujo governo era considerado cúmplice de Osama Bin Laden, e no Iraque em março de 2003, a partir de alegadas - mas nunca comprovadas - provas da produção de armas de destruição em massa pelo regime de Saddam Hussein, assim como de suas ligações com a Al Qaeda (ESPÍDOLA, GOMES. REIS, 2014, p. 2).

Existe um receio muito grande de países em subdesenvolvimento com pouca estrutura de proteção de sua soberania nacional em acreditar no discurso de liderança de Biden. Isso porque em algum momento podem ser os próximos a sofrerem interferência estadunidense. Devido a essa desconfiança, é daí que vem a criação e o fortalecimento da política multipolar, pois assim como os EUA e União Europeia usam da OTAN para resguardar sua soberania, a ideia de blocos como os BRICS é se resguardar nesse primeiro momento economicamente da política feroz dos EUA. Esse receio segundo Chomsky (2017) nasce bem antes do início do século XXI, com o discurso do então presidente Clinton:

As doutrinas da Grande Área autorizam a intervenção militar arbitrária e a critério dos EUA. Essa conclusão foi articulada claramente pela administração Clinton, que declarou que os EUA têm o direito de usar força militar para garantir o “acesso irrestrito aos principais mercados, abastecimentos energéticos e recursos estratégicos”, e deve manter enormes contingentes “permanentemente mobilizados” na Europa e na Ásia, “a fim de moldar as opiniões das pessoas sobre nós” e “a fim de configurar os eventos que afetam a nossa subsistência e a nossa segurança” (CHOMSKY. 2017, p. 63).

Pode-se constatar que existe um projeto de interferir não somente economicamente, mas também militarmente, para conseguir acesso aos mercados fora do eixo ocidental. O projeto de poder estadunidense já estava bem desenhado, pois sempre houve complacência da ONU, e conselho segurança, a política de devastação em outros países. Por este fato, Putin nunca aceitou de bom grado a entrada da Ucrânia na OTAN, pois é colocar seu maior inimigo na casa ao lado da sua. Algo que na visão de Putin seria um risco enorme de perda de controle regional, além de mostrar uma fragilidade da Rússia como uma nação soberana militar.

A política multipolar com negociações em blocos econômicos é ruim para os EUA pelo fato da perda de poder no mundo capitalista atual, onde a economia gira em torno do dólar, a língua oficial no mundo corporativo é o inglês, grandes empresas multinacionais nascem em solo americano e se expandem para outros países, todas as informações militares são fornecidas por ele à outras nações onde detém influência. Com a mudança geopolítica toda essa engrenagem de dominação unipolar corre o risco de cair, pois observamos negociações para uma criação de uma nova moeda entre os BRICS, a China exporta tecnologia para vários mercados, o Brasil tem um grande potencial de energia sustentável, a Rússia mesmo em guerra consegue se manter forte militar e economicamente.

Existe uma espécie de golpe invisível que a Rússia e a China, segundo Carmona (2022, p. 105) [...]o erro da estratégia dos Estados Unidos ao abrir duas frentes e, mais que isso, favorecer a “amizade sem limites” entre os dois gigantes euroasiáticos[...]. Proporcionam aos EUA com a guerra na Ucrânia, pois enquanto o poder Norte Americano foca toda sua força no combate militar no território ucraniano, a China segue sem nenhuma preocupação fazendo acordos econômicos com países de continente subdesenvolvidos. Enquanto a Rússia segura a força feroz estadunidense presa na disputa militar na guerra da Ucrânia. Isso faz com que a força tão propagada ao mundo dos EUA perca força, visto que, não se tem um inimigo definido, mais algumas nações contra um alvo comum, o poder Norte Americano. Isso é um dos erros da política de Biden, querer participar de todas as guerras ao redor do globo, pois com vários *fronts* de combate, a atenção fica bastante dividida, sendo muito mais vantajoso ao seu oponente que está focado unicamente em único combate, seja militar ou econômico.

Ao longo dos anos, a política de todos os presidentes Norte Americanos frequentemente recorre ao argumento da defesa da democracia como um princípio basilar para justificar intervenções militares em diversas nações ao redor do mundo, no Afeganistão, Iraque, Líbia, não é diferente no caso da Ucrânia. Pois existe na mitologia estadunidense que é a nação escolhida como a mais democrática, exportando democracia para todo o globo. No caso dos países do Oriente Médio usou-se deste artifício para a invasão. Segundo Neto (2022), no caso da Ucrânia, também se usa dessa narrativa para ajudar a nação:

Tentativas de derrubada de governo têm sido prática frequente dos últimos 30 anos, capitaneadas sobretudo por operações estadunidenses

e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). A exemplo, destacam-se sobretudo as guerras do Iraque, Líbia e Síria. No entanto, um grande diferencial destas invasões em relação à promovida pela Rússia na Ucrânia perpassa, principalmente, fatores geográficos e imagéticos. De fato, EUA e OTAN não poderiam ter pretensões de anexar formalmente territórios que não são contíguos aos seus, o que dota suas operações de derrubadas de governo de uma roupagem mais sutil e que é justificada a partir da narrativa da democracia-liberal que liberta os povos da opressão de governos ditatoriais (NETO, 2022, p. 28).

Nessa perspectiva de exaltação por parte dos EUA dos dogmas democráticos, são justificadas suas invasões em vários territórios de governos soberanos em países com pouco potencial militar exclusivamente “por defesa da democracia”. Quando na verdade tem uma importância econômica por trás dessa invasão, levando em conta, que no mundo capitalista ninguém faz caridade sem contrapartida de ganhos financeiros. No caso dos países do Oriente Médio, o foco era o petróleo, na Ucrânia o foco é econômico ganhando rotas marítimas e, prioritariamente, colocar o exército da OTAN na fronteira com a Rússia, sufocando seu maior inimigo militar ao leste Europeu. Mas no imaginário do senso comum, sobressai o seguinte pensamento: como uma nação que afirma com tanta veemência exportar a democracia, na prática, não faz isso?

A resposta é simples, não existe exportação de democracia, mas conivência com quem lhe dá vantagem. É assim na Arábia Saudita, um país sob um regime autoritário onde os direitos civis são frequentemente violados. Os Estados Unidos, em função de sua parceria financeira com os líderes do regime, muitas vezes, optam por ignorar essas questões. Trazendo para a guerra na Ucrânia, a defesa de Biden para as ajudas financeiras e militares passa pela tentativa russa de derrubar um governo democrático. Ou seja, Patriota (2022) o discurso muda de acordo com o interesse do momento:

Seria um equívoco, porém, imaginar que estamos diante de um novo consenso internacional em favor de um multilateralismo mais democrático. As manifestações da Assembleia Geral contra a invasão russa e o questionamento da legitimidade de vetos abusivos encobrem uma realidade de paradoxos e incoerências. Conquanto os Estados Unidos tenham convocado há poucos meses uma cúpula em torno de valores e ideais democráticos (*The Summit for Democracy*), a iniciativa não chegou a abordar o tema da transposição da democracia para o âmbito multilateral. Em contrapartida, regimes não convidados para a cúpula norte-americana emitem comunicados em que se comprometem com a “promoção de relações internacionais mais democráticas” (PATRIOTA, p. 20).

Como já mencionado acima, o governo dos EUA tem um posicionamento ambíguo quando o assunto envolve interesses geopolíticos. Por este motivo, negociações

multipolares estão ganhando espaço, porque até o momento países como China e Rússia fazem pouca interferência no âmbito da política local de seus aliados.

Bem diferente do poder estadunidense que mantém debaixo de seu “guarda-chuva” todos os seus aliados. O caso da União Europeia é bem sintomático, pois todas as negociações do bloco competem ao governo Norte Americano autorizar o acordo. Mas, existe outro tipo de interferência bastante normal por parte dos EUA, que são as revoluções coloridas ou retiradas de governo soberano do poder, para colocar um governo pró-EUA, países como a Líbia, Brasil, e Ucrânia sofreram intervenção nos últimos anos. A política unipolar dos Estados Unidos, nos últimos 30 anos, conforme Milani (2022, p. 37) “Por fim, em texto publicado sobre o tema, Adam Iscason alerta sobre o risco de que os Estados Unidos apoiem governos autoritários que se adequem a suas demandas de alinhamento geopolítico”, tem sido associada à prática de enfraquecer nações concorrentes, visando seu próprio enriquecimento como nação.

Por esse motivo, a Ucrânia está enfrentando a interferência russa, já que Putin acredita que a política externa de Zelensky está fortemente alinhada com os interesses dos Estados Unidos. Isso ocorre porque nenhum país busca aderir a uma organização sem ter um interesse prévio nessa decisão, como é o caso da Ucrânia, onde o presidente expressou sua vontade de se unir à OTAN desde o início de seu mandato. Contrariamente ao que a imprensa ocidental noticia, há, de fato, um grande interesse da OTAN em estabelecer tropas no território ucraniano, devido à presença de uma potência militar do outro lado.

6. CONCLUSÃO

No decorrer da produção deste trabalho pode ser constatado que a guerra entre Rússia e Ucrânia é um confronto que vai muito além da análise superficial da grande mídia corporativa. De fato, ao examinarmos fatores históricos, é evidente a complexidade desse conflito. Fica nítido que a invasão russa ao território ucraniano existe exageros de ambos os lados, mas o presidente Zelensky foi quem mais errou nessa disputa, pois quando uma liderança nacional não tem o apoio integral da sociedade, bom aparato militar, não deve ficar blefando contra uma grande potência militar como a Rússia. Quando Zelensky optou por ameaçar ou buscar a entrada da Ucrânia na OTAN, acabou atraindo um problema que não existia anteriormente, isso causou ainda maior divisão na sociedade ucraniana, pelo seguinte fato: a população de origem russa residente em

território ucraniana foi totalmente contra esse pedido, agravando ainda mais a divisão social local.

Este combate causou enormes problemas à economia global, principalmente de abastecimento energético, alimentar, por a Rússia ser um dos grandes produtores de *commodities*. Numa economia globalizada qualquer variação de abastecimento tem enorme impacto na alimentação e no modo de vida da sociedade mundial. Neste ponto, importante frisar o erro que os países que compõem a União Europeia cometeram em não tentar contornar a guerra da Ucrânia, pois foram os maiores prejudicados com as ameaças de Putin, sobre a questão de abastecimento energético, mas o mundo, em geral, sofreu pagando altos preços em compras de produtos.

A guerra vem mostrando uma fragilidade discursiva e militar de reação do império Norte Americano. Pois, existe no imaginário da opinião pública mundial, quando os EUA se envolvem na Guerra entre Rússia e Ucrânia, o poder político de Zelensky saísse vencedor do combate, a mídia criou a expectativa que Biden iria enviar tropas estadunidenses ao território ucraniano. Quando não passou de ajudas humanitárias, financeiras, e de armas militares. O governo de Biden ciente de que do outro lado do *front* tem um grande inimigo militar/nuclear, não iria participar da emboscada do combate colocando sua população nacional em risco. Ficou nítido nos últimos meses que o governo dos EUA não iria intervir na guerra como o governo de Zelensky um dia pensou que iria acontecer. O líder ucraniano, que no início do combate era uma personalidade aplaudida em todos os eventos mundiais onde participava, na atualidade ficou isolado no tempo, em seu território.

A guerra entre Rússia e Ucrânia mostrou a fragilidade da economia unipolar dos EUA, haja vista, o medo que no passado as nações demonstraram em ameaçar o império Norte Americano, na atualidade se esfacelou, ficando evidente quando o governo de Biden, no início da guerra, pressionou os países da União Europeia a não negociarem produtos e as empresas multinacionais a interromperem suas operações na Rússia, numa tentativa de asfixiar a economia russa. Na prática, essa estratégia não teve sucesso e, de fato, colocou em xeque o sistema unipolar com essa medida de Biden. Com isso, ganharam força as negociações bilaterais, e em grupos multilaterais, sem interferência do império. Foi constatada por nações, principalmente as emergentes subdesenvolvidas, que podiam sobreviver sem os acordos econômicos sufocantes do FMI e Banco Mundial.

Buscando negociações de empréstimos ao Banco dos BRICS, fugindo das ameaças e interferências dos EUA, para acordos em grupos de países.

Definir como vai terminar o combate entre Rússia e Ucrânia, como a economia mundial vai sobreviver, é um ponto enigmático. Mas, pode ser diagnosticado que a economia, e os líderes mundiais estão pensando de forma diferente de quando deu início a guerra. As ameaças do império Norte Americano do passado não servem para dominar no futuro. Existe uma ruptura econômica de uma nova forma de governança global, não sabemos como será efetivada, mas que já é percebida no horizonte geopolítico.

7. REFERÊNCIAS

AGUILAR, S. L. C.; APARECIDO, J. M. **A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia**. In AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz (Ed.). **Série Conflitos Internacionais**, v. 9, n. 1. Marília: OCI, 2022.

ARON, R. **Paz e guerra entre as nações**. Trad. Sérgio Bath (1 a. edição) Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002

ARRIGHI, G. **O longo século XX**. Tradução Vera Ribeiro; revisão de Tradução Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996, P.247-277.

BERGEN, P. **Saiba como deverá acabar a guerra na Ucrânia, segundo ex-diretor da CIA**. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/saiba-como-devera-acabar-a-guerra-na-ucrania-segundo-ex-diretor-da-cia/> Acesso 20/08/23

CARMONA, R. **A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica**. Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), Rio de Janeiro, P.88-111, Ano 1 / Nº 3 / Jul-Set 2022

CHOMSKY, N. **QUEM MANDA NO MUNDO?** tradução Renato Marques. 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2017.

DIGOLIN, K. A. **A atuação da ONU no conflito entre Rússia e Ucrânia.** ERIS (Org). Dossiê "O Conflito entre Rússia e Ucrânia", São Paulo, P. 47-52, v. 1, n.1, jan-abr. 2022. São Paulo.

DINIZ, E. **Rússia versus Ucrânia em 2022: tentativa de análise e aprendizado.** Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), Rio de Janeiro, P.33-52, Ano 1 / Nº 3 / Jul-Set 2022.

ESPÍNDOLA, T; GOMES, A. T.; REIS, R R. **Terrorismo e Estados Falidos: uma análise de discurso crítica.** OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 20, nº 2, agosto, 2014, p. 291-310.

JANUÁRIO, L, E. **Armas nucleares e invasão da Ucrânia: novas facetas de velhas inquietudes sobre o regime de não proliferação nuclear.** ERIS (Org). Dossiê "O Conflito entre Rússia e Ucrânia", São Paulo, P. 42-46, v. 1, n.1, jan-abr. 2022. São Paulo.

JUNIOR, V. G. F. **A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana.** Rev. Conj. Aust. | v.13, n.64 | São Paulo, out./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.128157>.

LEBELEM, C.; VILLA, R. D. **Guerra russo-ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional.** Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), Rio de Janeiro, P.112-137, Ano 1 / Nº 3 / Jul-Set 2022.

LIPTAK, K. **Biden prevê invasão russa à Ucrânia e diz que “incursão” pode ter resposta menor.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/biden-preve-ataque-russo-a-ucrania-e-diz-que-incursao-pode-ter-resposta-menor/>> Acesso: 10/07/2023

MIELNICZUK, F. **Identidade como Fonte de Conflito: Ucrânia e Rússia no Pós-URSS.** Contexto internacional, Rio de Janeiro, vol. 28, no 1, janeiro/junho 2006, pp. 223-258.

MILANI, L, P. **Os Estados Unidos, as disputas por hegemonia global e a América Latina.** ERIS (Org). Dossiê "O Conflito entre Rússia e Ucrânia", São Paulo, P. 34-37, v. 1, n.1, jan-abr. 2022. São Paulo.

Mills, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro, tradução Walteysir Dutra, Zahar editora, 192-210, 1982.

NETO, G. A. A. **Invasão russa na Ucrânia: razões, tempo e espaço (Parte I, II)**. ERIS (Org). Dossiê "O Conflito entre Rússia e Ucrânia", São Paulo, P. 24-33, v. 1, n.1, jan-abr. 2022. São Paulo.

PATRIOTA, A. A. **Democratizar as Relações Internacionais**. Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), Rio de Janeiro, P.14-30, Ano 1 / Nº 3 / Jul-Set 2022.

WALLERSTEIN, I. **Universalismo Europeu: a retórica do poder**. Tradutor: Maria Beatriz de Medina, e. 1, Boitempo.